



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE  
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ADILZA ALVES DOS SANTOS

**COMUNIDADE QUILOMBOLA COMO TERRITÓRIO DE MEMÓRIA E DE  
FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE: O PAPEL DA EDUCAÇÃO  
ESCOLAR QUILOMBOLA**

CARUARU

2020

ADILZA ALVES DOS SANTOS

**COMUNIDADE QUILOMBOLA COMO TERRITÓRIO DE MEMÓRIA E DE  
FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE: O PAPEL DA EDUCAÇÃO  
ESCOLAR QUILOMBOLA**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco (CAA), para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

**Área de concentração:** ciências humanas

**Orientadora:** Prof. Dra. Maria Fernanda dos Santos Alencar.

CARUARU

2020

Catálogo na fonte:  
Bibliotecária – Simone Xavier - CRB/4 - 1242

S237c Santos, Adilza Alves dos.  
Comunidade quilombola como território de memória e de fortalecimento da  
identidade: o papel da educação escolar quilombola. / Adilza Alves dos Santos. – 2020.  
44 f. il. ; 30 cm.

Orientadora: Maria Fernanda dos Santos Alencar.  
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de  
Pernambuco, CAA, Pedagogia, 2020.  
Inclui Referências.

1. Quilombos. 2. Quilombolas. 3. Identidade. 4. Memória. 5. Educação. I.  
Alencar, Maria Fernanda dos Santos. (Orientadora). II. Título.

CDD 370 (23. ed.)

UFPE (CAA 2020-183)

ADILZA ALVES DOS SANTOS

**COMUNIDADE QUILOMBOLA COMO TERRITÓRIO DE MEMÓRIA E DE  
FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE: O PAPEL DA EDUCAÇÃO  
ESCOLAR QUILOMBOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à banca examinadora no  
Curso de Licenciatura em Pedagogia da  
Universidade Federal de Pernambuco -  
Centro Acadêmico do Agreste

Aprovada em: 04/12/2020.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profº. Dr. Maria Fernanda dos Santos Alencar (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Profa. Dra. Cibele Maria Lima Rodrigues (Examinadora Externa)  
(FUNDAJ e Programa de Pós-graduação em Educação, Culturas e Identidades  
PPGECI/UFPE)

---

Profª. Me. Maria Girlene Callado da Silva (Examinadora Interna)  
(Secretaria Municipal de Educação de Jurema/PE)

Dedico esta pesquisa aos meus pais, pela cumplicidade e pelo apoio em todos os  
momentos da minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar agradeço a Deus, por me permitir realizar este trabalho com saúde e determinação.

Aos meus pais Irenilda e Adeilson, e ao meu irmão José Adenilson, que sempre me apoiaram e me incentivaram em todos os momentos difíceis.

Ao meu esposo Leandro, pela compreensão e paciência durante todo o período deste trabalho.

A minha grande amiga e ex-professora Cármen Lúcia do ensino fundamental, por sempre ter me incentivado a ir em busca dos meus sonhos e objetivos, ocupando espaços outros.

Aos meus amigos que sempre estiveram ao meu lado, demonstrando solidariedade.

Aos meus companheiros de curso, que convivi durante esses últimos anos, gratidão por todos os momentos, pela troca de experiências e aprendizados que me permitiram crescer como pessoa e como profissional.

A minha professora orientadora Maria Fernanda dos Santos Alencar, por toda paciência, correções e ensinamentos, dos quais guiaram meu aprendizado.

Enfim, a todos aqueles que contribuíram de forma direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

Num país miscigenado como o Brasil, “ser negro”, reconhecer-se como tal, dependerá nos anos seguintes de um amplo entendimento desta identidade social.

(LEITE, 1999, p. 132)

## **RESUMO**

O presente texto propõe uma discussão sobre a importância da Educação Escolar Quilombola (EEQ) para a valorização da memória e do fortalecimento da identidade quilombola, tendo como objetivo geral: analisar o papel da Educação Escolar Quilombola para a valorização da memória e do fortalecimento da identidade quilombola. E como objetivos específicos: 1. Conhecer as práticas educativas desenvolvidas pela escola para a valorização da memória e do fortalecimento da identidade; 2. Identificar nas práticas educativas as contribuições para a valorização da memória e do fortalecimento da identidade e, 3. Investigar a participação da comunidade Quilombola na escola para a valorização da memória e do fortalecimento da identidade quilombola. As categorias estudadas foram: Comunidade quilombola, reconhecendo-a como um território de memória e de identidade; e Educação Escolar Quilombola. A pesquisa foi realizada na Escola Padre Anchieta, localizada na comunidade Quilombola de Guaraciaba (antiga cabeleira) no município de Altinho-PE, com uso da entrevista semiestruturada e a Análise de Conteúdos (BARDIN, 2011) para o tratamento das informações. Perante as análises, podemos concluir que, na escola, há práticas educativas que buscam valorizar a memória e fortalecer a identidade quilombola. Entretanto, observamos que essas ocorrem em consequência da liderança de um dos professores, que envolve a gestão escolar, outros professores da escola e a comunidade nas ações educativas desenvolvidas. A atitude do professor se explica por esse compreender que o papel da escola seja também o da valorização da memória e do fortalecimento da identidade quilombola conforme estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola.

Palavras-chave: Educação Escolar Quilombola; Memória; Identidade.

## **ABSTRACT**

This text proposes a discussion on the importance of Quilombola School Education (QSE) for the enhancement of memory and the strengthening of quilombola identity, with the general objective of: to analyze the role of Quilombola School Education in enhancing memory and strengthening quilombola identity. And as specific objectives: 1. To know the educational practices developed by the school for the enhancement of memory and the strengthening of identity; 2. Identify in educational practices the contributions to the enhancement of memory and the strengthening of identity, and 3. Investigate the participation of the Quilombola community in the school for the enhancement of memory and the strengthening of quilombola identity. The categories studied were: Quilombola community, recognizing it as a territory of memory and identity; and Quilombola school education. The research was carried out at the Padre Anchieta School, located in the Quilombola community of Guaraciaba (former hairdresser) in the city of Altinho-PE, using semi-structured interviews and Content Analysis (BARDIN, 2011) for the treatment of information. In view of the analyzes, we can conclude that, at school, there are educational practices that seek to enhance memory and strengthen quilombola identity. However, we observed that these occur as a result of the leadership of one of the teachers who involves school management, other teachers and the community in the educational actions developed. The attitude of the teacher is explained by the understanding that the role of the school is also to enhance memory and to strength the quilombola identity as established by the National Curriculum Guidelines for Quilombola School Education.

**Keywords:** Quilombola School Education. Memory. Identity.

## LISTA DE SIGLAS

|          |                                                                 |
|----------|-----------------------------------------------------------------|
| ANPED    | Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação     |
| CNPQ     | Conselho Nacional de desenvolvimento Científico e Tecnológico   |
| EEQ      | Educação Escolar Quilombola                                     |
| GEPECQ   | Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação do Campo e Quilombola    |
| INCRA    | Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária             |
| PPP      | Projeto Político Pedagógico                                     |
| TCC      | Trabalho de Conclusão de Curso                                  |
| UFPE/CAA | Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste |

## SÚMARIO

|          |                                                                                                                                |           |
|----------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                                                        | <b>11</b> |
| <b>2</b> | <b>COMUNIDADES QUILOMBOLA: TERRITÓRIO DE MEMÓRIA E<br/>DE IDENTIDADE.....</b>                                                  | <b>15</b> |
| 2.1      | Quilombo, Quilombola: história e concepção.....                                                                                | 17        |
| 2.2      | Território, Memória e Identidade .....                                                                                         | 20        |
| <b>3</b> | <b>EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: PERSPECTIVA PARA UMA PRÁTICA<br/>EDUCATIVA ESCOLAR DIFERENCIADA E<br/>CONTEXTUALIZADA.....</b> | <b>24</b> |
| <b>4</b> | <b>PROCEDER METODOLÓGICO.....</b>                                                                                              | <b>28</b> |
| <b>5</b> | <b>EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA, MEMÓRIA E IDENTIDADE.....</b>                                                                  | <b>33</b> |
| 5.1      | Práticas educativas para a valorização e o fortalecimento da memória e da<br>Identidade Quilombola.....                        | 33        |
| 5.2      | Relação Comunidade - Escola.....                                                                                               | 36        |
| <b>6</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                                                                              | <b>40</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                                                                        | <b>42</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

As comunidades quilombolas são territórios de importância que carregam consigo trajetórias de lutas, tradições, identidades, ancestralidade, cultura e memória. A terra é outro aspecto crucial para os quilombolas, pois terra é vida, é o espaço onde os ancestrais viveram, construíram suas famílias, ou seja, construíram uma história e essa história não pode ser esquecida, é passada para as gerações futuras, fortalecendo a memória, as tradições, os saberes, a cultura formando a identidade quilombola.

No que se refere à educação, sabemos que é um direito de todos e as diferenças devem ser levadas em consideração, reconhecendo a diversidade de identidades e as especificidades de cada população, fazendo-se refletir nas políticas de educação, principalmente, nas que atendem as comunidades tradicionais como as comunidades quilombolas. Diante disso, a Educação Escolar Quilombola (EEQ) tem que contemplar a realidade do povo quilombola, suas lutas, o direito à terra, a cultura, seus saberes, lutas e resistências que por muito tempo foram negados, favorecendo a invisibilidade e a ausência dos saberes da população quilombola nos processos educativos.

Assim, o presente Trabalho de Conclusão de Curso – TCC surge a partir de discussões e pesquisas realizadas no Grupo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Educação do Campo e Quilombola (GEPECQ), da Universidade Federal de Pernambuco, vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ/UFPE), do qual, como membro, participo da pesquisa do Subprojeto 1: “Representação Social de Docentes de Escolas Quilombolas sobre Si e a Negritude”. A partir do grupo de estudos, escrevi alguns artigos, o primeiro intitulado “Comunidade Quilombola de Guaraciaba: uma história em construção por meio da educação popular” <sup>1</sup>, abordando a história da comunidade, a cultura e a educação quilombola e popular. O segundo “Narrativas de histórias de vida não contadas: marcas de identidade quilombola - comunidade de Guaraciaba” <sup>2</sup>, traz algumas narrativas de relatos de histórias dos mais velhos como fonte de saber e constituição da identidade

---

<sup>1</sup>Coautores: Adilza Alves dos Santos e Maria Fernanda dos Santos Alencar.

Trabalho apresentado no I Seminário Discente do programa de pós-graduação em Educação Contemporânea da UFPE-CAA, no GT 02: Educação, Movimentos Sociais e Educação Popular com a coordenação do professor Dr. Everaldo Fernandes.

<sup>2</sup> Coautores: Adilza Alves dos Santos; Almir João da Rocha e Maria Fernanda dos Santos Alencar. Trabalho apresentado no X Colóquio Internacional de Paulo Freire e publicado pela editora UFPB no livro intitulado como: “Educação do Campo: atuações pedagógicas e agroecológicas”, tendo como organizadoras: Nilvana dos Santos Silva e Jalmira Linhares Damasceno.

quilombola de Guaraciaba, trabalhando as categorias memórias, ancestralidade e saberes.

Assim, por meio da universidade, dos eventos, dos estudos e das discussões realizadas no GEPECQ, passamos a compreender sobre a importância da história, das tradições, da cultura e da identidade dos povos de comunidades quilombolas, pois, como moradora do município de Altinho/PE não sabia que naquela região existia uma comunidade quilombola, nem tampouco o que significava.

Esses estudos e discussões nos fizeram compreender o quanto à cultura e os conhecimentos de um povo influenciam no processo de afirmação de sua identidade, pois “os próprios sujeitos definem sua identidade a partir da organização social e pelos critérios construídos no seu modo de vida, concernentes às características de uso dos recursos e dos laços comuns aos seus integrantes que, tradicionalmente, estabeleceram” (CARRIL, 2017, p.546).

Em pesquisa na ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), em 23 GTs temáticos, considerando o descritor Educação Escolar Quilombola, foram encontrados apenas 3 trabalhos no GT21 – Educação e Relações Étnico-Raciais. Este resultado aponta a existência de poucos trabalhos produzidos na área da Educação Escolar Quilombola.

O primeiro trabalho de título “Educação escolar quilombola: Diálogos e interfaces entre experiências locais e a institucionalização de uma nova modalidade de educação no Brasil”, o segundo “Do quilombo ao canavial: desafios e perspectivas para a implementação da educação escolar quilombola numa comunidade do médio Jequitinhonha” e o terceiro “Epistemologia da Resistencia Quilombola em diálogo com o currículo Escolar”.

Esses trabalhos contribuem com nossa temática significativamente, pois abordam de forma específica sobre a Educação Escolar Quilombola. O primeiro trata sobre os processos de estruturação da política nacional para a Educação Escolar Quilombola; o segundo vem apontar desafios postos às comunidades quilombolas para a efetivação das diretrizes Curriculares Nacionais, tomando como critério a análise do trabalho, pois de acordo com alguns dados que os autores coletaram, a falta de oportunidades tem contribuído para a migração da população masculina quilombola para regiões de cultivo de cana-de-açúcar e o terceiro aborda os processos educativos, os saberes quilombolas dialogando com o currículo escolar.

Neste sentido, verificamos a necessidade de termos uma maior produção acadêmica que possa considerar as comunidades Quilombolas como formadoras de território, identidade e memória, analisando as histórias passadas e presentes, permanecendo vivas entre as comunidades Quilombolas.

Diante disso, surge o nosso objeto de estudo: Educação Escolar Quilombola, tendo como foco a sua importância para a valorização da memória e do fortalecimento da identidade quilombola. Daí a nossa questão norteadora: Quais as contribuições da educação escolar Quilombola para a valorização da memória e do fortalecimento da identidade quilombola? O objetivo geral: analisar o papel da Educação Escolar Quilombola para a valorização da memória e do fortalecimento da identidade quilombola. E como objetivos específicos, temos: 1. Conhecer as práticas educativas desenvolvidas pela escola para a valorização da memória e do fortalecimento da identidade; 2. Identificar nas práticas educativas as contribuições para a valorização da memória e do fortalecimento da identidade e, 3. Investigar a participação da comunidade Quilombola na escola para a valorização da memória e do fortalecimento da identidade quilombola.

Este trabalho se estrutura em quatro capítulos: no 1- Comunidade quilombola: território de memória e de identidade vem falar um pouco da importância da memória e da identidade para a valorização da história e da cultura que não podem ser esquecidas, mas sim preservadas, esse capítulo se divide em dois itens, que é o “1.1 Quilombo, Quilombola: história e concepção” que trás um pouco sobre como os Quilombos se formaram e caracterizando que os Quilombos representam resistência e busca por autonomia, garantido o fortalecimento da identidade e da memória por meio da preservação da ancestralidade; o outro item é o “1.2 Território. Memória e identidade” abordam que a construção do território Quilombola está associado à educação, a memória, cultura e identidade, e que os quilombolas trazem consigo a memória e a identidade de um povo pertencentes a um coletivo.

No capítulo 2- Educação Escolar Quilombola: perspectiva para uma prática educativa escolar diferenciada e contextualizada traz logo de início a diferença entre Educação Escolar Quilombola e Educação Quilombola, em seguida falamos o quanto a EEQ é importante para o desenvolvimento do processo de escolarização dos Quilombolas desde que associem a realidade, histórias e vivências cotidianas com os conteúdos escolares para que se tenha uma prática educativa diferenciada e contextualizada.

Em seguida, no capítulo 3 é apresentado o Percurso Metodológico, e no capítulo 4- Educação Escolar Quilombola, Memória e Identidade procuramos apresentar os resultados de nossas análises por meio de duas categorias que foram: “Práticas educativas e a relação escola-comunidade”, das quais dividimos em unidades temáticas, a primeira 4.1 Práticas educativas para a valorização e o fortalecimento da memória e da identidade Quilombola; vem abordar a fala de dois professores que falam sobre as ações desenvolvidas para a valorização da memória e do fortalecimento da identidade; e o 4.2 Relação Comunidade-Escola; traz a fala da líder da comunidade e dos dois professores sobre quais as atividades que a escola e a comunidade desenvolvem juntos.

Na sequência vêm as considerações finais, onde as práticas educativas são lideradas apenas por um professor Quilombola que tenta convidar seus colegas professores a realizarem ações em conjunto, ressaltando a importância da cultura, tradições e diversos outros fatores que contribuem para que a memória e a identidade sejam fortalecidas. Observamos também que a comunidade participa apenas em consequência do convite do professor 2 e vemos que alguns professores se preocupam em saber mais sobre a comunidade para desenvolver suas práticas educativas.

## **2 COMUNIDADES QUILOMBOLA: TERRITÓRIO DE MEMÓRIA E DE IDENTIDADE**

A história de uma comunidade quilombola é de grande importância para a valorização da cultura e da identidade de seu povo, pois “a história é parte da cultura, do desenvolvimento e da educação do homem e da sua civilização” (GONÇALVES; GONÇALVES, 2017, p.214). Compreende-se que o registro da história é o registro das raízes socioculturais, como fortalecimento de pertencimento da cultura e da valorização da identidade, possibilita ao sujeito se enxergar como ser do processo histórico ajudando-o a lembrar a história.

Outro ponto que merece destaque, ao abordamos sobre a importância da história da comunidade quilombola, é a questão da autoidentificação como quilombola, pois está diretamente ligada ao “reconhecimento positivo de sua identidade e a reafirmação de suas práticas culturais.” (MAROUN, 2014). Nesse sentido, compreendemos que a história registrada pelo próprio povo, por meio de suas memórias, favorece o reconhecimento de sua identidade. Assim, a memória e a identidade do povo quilombola são categorias fundamentais para a valorização de sua história e de sua cultura, sendo um meio de lembrar o passado e refletir sobre o que seus antepassados viveram principalmente, quando esse passado é marcado por muita luta e resistência, cujas vivências foram silenciadas na história.

Com isso, a memória é essencial para que a cultura e o fortalecimento da identidade do povo quilombola não se percam. Neste sentido, torna-se importante dar voz a população quilombola para que possa contar suas histórias de vida, pois “a memória é mais que a vivência armazenada de um indivíduo, ela forma parte de um contexto social. O que guardamos e o que excluímos depende de nossas experiências sociais e coletivas” (SILVA, 2012, p.9).

Para que a memória não se perca é necessário que registros sejam preservados, sejam fotos, documentos, textos escritos, poemas, histórias de vida e sobre as comunidades; ou por meio do registro oral, contação de histórias que passadas de pessoa para pessoa guardam a cultura, os costumes, os hábitos e as crenças da comunidade presentes nas ações por meio desse resgate e registro histórico.

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou, sobretudo, como um fenômeno construído coletivamente

e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. (POLLAK, 1992,p.02).

Diante disso, podemos ver que a memória coletiva e social se dá no seio da comunidade, passada de pessoa para pessoa, sobre um determinado momento que foi vivenciado e vai se tornando uma história daquele lugar, reelaborada, reconstruída pelo registro dos que na comunidade permanece, alimentando as memórias presente. São, assim, guardadas para que não sejam esquecidas, mas transmitidas, transformadas nas vidas que coletivamente vive a história contada por pessoas da comunidade. Essas memórias trazem também dores sentidas pela marginalização sofrida, fazendo com que, muitas vezes, pessoas das comunidades quilombolas não as queiram contar ou mesmo ouvir.

A recriação de histórias narradas e recuperadas na bibliografia e em campo remete não só às relações identitárias com o território, às relações sociais, remete principalmente a uma dor profunda de perceber-se marginalizado pela história construída pelos dominadores (SILVA, 2012, p.3).

As memórias também alimentam a cultura.

A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestaram (CLAVALL, 1999, p. 63).

Nesse contexto, compreende-se que a cultura de um povo é muito significativa para o desenvolvimento da comunidade que, por meio do diálogo, da participação das pessoas, na construção continua de novos saberes, na história do povo trazendo registros do que os torna ser quem é, ou são, considerando os contextos sócio-político-culturais no qual se inserem com marcas do passado, vão se constituindo enquanto quilombolas pertencentes a uma comunidade quilombola.

[...] através da reconstrução de fatos registrados na memória se reconstrói uma visão do passado a partir do presente [...]. Por isso, a memória pode ser utilizada para pensar uma questão tão atual quanto a das populações quilombolas. Segundo Pierre Nora, memória é o vivido e a história é o elaborado. Então a memória permite atualizar a história a todo instante. (SILVA, 2012, p.9).

Nesse processo se constrói a identidade de um povo. É um processo construído por meio de descobertas, afirmações, negações, numa constante batalha. É uma construção da sobrevivência e das relações que um povo estabelece no contexto onde se

situa, pois é nesse contexto em que as pessoas produzem saberes através do lugar em que estão inseridas, a partir das experiências que aquele contexto social transmite para o fortalecimento do ser quilombola no território quilombola.

Nisso, vemos que é por meio da cultura, alimentada na memória individual e coletiva, que as práticas educativas dentro da comunidade se desenvolvem. Nessa construção, para (re)conhecer a nossa origem, é necessário ir além, necessita ir em busca do passado e entendê-lo no presente, tê-lo como novo saber para o desenvolvimento de novas práticas, ou seja, é um processo pelo qual os quilombolas passam no decorrer do cotidiano na intenção de: 1. mudar de lugar, do ser oprimido por um processo histórico social e político de marginalização e esquecimento para o ser de direitos; e 2. mudar o lugar, tornar o território quilombola, um território de vida e de saberes, como iremos refletir e procurar compreender nos tópicos seguintes.

## 2.1 Quilombo, Quilombola: história e concepção

Os quilombos antes eram chamados de “Mocambos”, pois muitas pessoas chegaram ao Brasil através do tráfico negreiro, escravizados na África; com eles vieram muitos conhecimentos sobre plantas, mineração, construção dentre outros que foram significativos para o desenvolvimento do Brasil.

A escravidão negra no Brasil, ao longo dos períodos Colonial e Imperial, despontou-se como o meio mais eficiente que os grandes senhores de engenho, de minas e de lavouras cafeeiras, encontraram para a produção e a manutenção de suas riquezas. (OLIVEIRA, 2014, p.2).

Diante disso, sabemos que os quilombos estão localizados em muitas regiões do Brasil, onde se constituíram através de muitos processos, que envolvem não apenas as fugas e o recebimento de heranças pelos serviços prestados ao estado, mas principalmente, a conquista da terra, pois ela representa toda uma história de conquista e de liberdade.

Oliveira (2014) explica que os quilombos se formaram através da resistência territorial, social e cultural. Para esse autor:

Falar de quilombos não é aceitar ou somente expor termos e significados simplistas que, por muitas vezes, permeiam a academia. Não é tecer considerações descompromissadas com a realidade desse grupo social. Falar de quilombos é evidenciar, dentre outros sentidos, a trajetória de vida de determinados grupos sociais no Brasil que, por conta de contextos históricos e econômicos, foram forçados a resistir contra a obstinação política e econômica das classes dominantes

especialmente ao longo dos séculos XVII a XIX. (OLIVEIRA, 2014, p.4).

O termo Quilombo passou a ser usado principalmente quando surgiu o maior Quilombo existente no Brasil (SILVA; SILVA, 2014) “O Quilombo dos Palmares” que se formou na Serra da Barriga, na zona mata de Alagoas e que hoje representa um de seus maiores símbolos de resistência, tendo como grande destaque Dandara, que era uma guerreira, e Zumbi dos Palmares, o líder do Quilombo.

Arruti (2008) aponta que o termo Quilombo vem sendo ressemantizado, ou seja, não se refere aos resíduos de ocupação de grupos isolados, mas sim que envolve a vizinhança, os parentes e outros. Nesse sentido, contribui na nossa discussão ao destacar que os Quilombos:

[...] não se referem a resíduos, não são isolados, não têm sempre origem em movimentos de rebeldia, não se definem pelo número de membros, não fazem uma apropriação individual da terra – o documento propõe que os quilombos sejam tomados como “grupos que desenvolveram práticas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos num determinado lugar”, cuja identidade se define por “uma referência histórica comum, construída a partir de vivências e valores partilhados”. (ABA, 1994, *apud* ARRUTI, 2008, p.2).

Com isso, Arruti nos aponta, na citação acima, a questão da identidade, pois o parentesco, a terra, a partilha e outros elementos constituem uma identidade e o que de fato caracteriza o Quilombo é a resistência e a busca por autonomia.

Os negros que viviam em quilombos eram chamados de Quilombolas, representando e marcando a história, a cultura brasileira e a ancestralidade dos povos negros, brancos e indígenas, tornando as comunidades quilombolas territórios importantes, conquistados com muita resistência. Esse processo garantiu o fortalecimento da identidade e da cultura por meio da preservação da ancestralidade, ou seja, mantendo viva a memória dos antepassados que foram escravizados, mas na formação das comunidades, construíram suas casas, roças, constituíram família e assim construíram uma história e uma vida.

Arroyo (2014) esclarece que a afirmação dos movimentos sociais, em sua diversidade, os fortalece no reconhecimento de suas identidades e de suas histórias de exclusão. Assim, situamos o povo quilombola que, no reconhecimento de quem são em suas diferenças, se fortalecem na luta pelo direito à existência, à terra e à liberdade

Os coletivos em movimentos sociais afirmam sua diversidade, tornam presentes suas diferenças. Não apenas se sabem tratados em nossa história como desiguais, inferiorizados porque diferentes, mas se afirmam e reconhecem diferentes. Fazem-se presentes com presenças

incômodas, nas ocupações, nas ruas, nas escolas, desocultam-se e se mostram existentes, visíveis. (ARROYO, 2014, p.133).

Nessa concepção, vemos o quanto é importante à união, a coletividade dos sujeitos, não apenas os quilombolas, mas também todos os outros movimentos que lutaram e lutam pelos direitos que lhe foram negados, mostrando que estão presentes em busca da conquista de seu espaço, da terra, escola, trabalho e outros direitos. Assim vemos como destaque no cordel de Galdino (2011, s/p):

Outros ainda têm raízes  
No passado, suas nações  
E se orgulham de manterem  
Seus valores, religiões  
Seus costumes, seus assuntos  
E se agrupam, vivem juntos  
Pra preservar tradições

São estas comunidades  
Quilombolas conhecidas  
Por alguns, por outros não  
É onde eles levam a vida  
De artesanato e plantio  
Há várias pelo Brasil  
Mas sua luta é sofrida

É neste sentido que se considera a ancestralidade um aspecto forte para a cultura quilombola, para que continuem vivas as tradições na memória de cada sujeito, não perdendo sua identidade, mas sim sendo repassada dos mais velhos aos mais novos para que se tenha consciência de toda trajetória que os antepassados viveram para poder conquistar seu lugar, como cidadãos, na sociedade.

Com isso, Para Carril (2014), a terra quilombola está relacionada à ancestralidade, quando diz que:

O uso comum da terra quilombola, engendrado na ancestralidade, e a base física e imaginária desses grupos tem um papel fundamental nessa perspectiva teórica. Seu valor funda-se na satisfação de suas necessidades mútuas, que incluem o simbólico, as tradições e as sobrevivências culturais. (CARRIL, 2017, p. 548).

A ancestralidade se remete aos antepassados e isso influencia em vários aspectos da vida. Assim, é um dos principais pontos para se manter vivo os valores culturais e o espaço que vem das relações sociais da comunidade para que, nesse movimento, se construa uma história a partir das experiências da ancestralidade de um povo na busca do conhecimento.

Filho (2011) nos aponta aspectos importantes com relação aos quilombolas, principalmente no que se refere à contribuição que as pessoas escravizadas deram a nossa sociedade e a construção do país, pois “eles nos deram um povo” e esse povo representa as comunidades dos quilombos até hoje, ou seja, os quilombolas, considerando que: “É essa classe social que escreve a história e por muito pouco não é a versão dela a última palavra sobre o que de fato representou e representa o quilombo para a sociedade nacional.” (FILHO, 2011,p.149).

Assim, os quilombolas são um povo, muitas vezes desconhecidos pelas pessoas na sociedade, mas que compõe uma parte fundamental na cultura brasileira que vem “ao longo dos séculos, marcando suas trajetórias de vidas, como uma maneira de preservar os conhecimentos outros que, historicamente, estiveram silenciados.” (SANTOS; ROCHA; ALENCAR, 2018, p.42)

Neste sentido, os quilombolas possuem laços culturais muito fortes, mantendo as práticas religiosas, o trabalho com a terra e outras tradições vivas. O quilombo é onde acontece a solidariedade e o respeito mútuo, uns com os outros através da memória, fortalecendo a identidade quilombola.

## 2.2 Território, Memória e Identidade

Os territórios são a base para que os quilombolas mantenham a sustentabilidade de seu povo através do trabalho, pois a terra tem muita importância e é uma condição para a continuidade de seus valores e da existência de todos, trazendo os aspectos históricos, sociais e culturais.

Sendo assim, de acordo com o documento do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), atualizado em 2017,

[...] um território se constitui a partir de uma porção específica de terra acrescida da configuração sociológica, geográfica e histórica que os membros da comunidade construíram ao longo do tempo, em sua vivência sobre a mesma. Assim sendo, um território seria um ente que sobrepõe a terra e a carga simbólica agregada a mesma, a partir de seu uso pleno e continuado pela ação de um determinado grupo humano. (INCRA, 2017, p.7).

Como podemos observar, o INCRA aponta que o território é essa relação da terra e da vida social que acontece nela, incluindo as tradições que são passadas de geração para geração. No território, os quilombolas são os seres pertencentes de um coletivo que se estrutura por um processo de identidade e de modo de vida.

Fernandes (2013) relaciona o território como espaço para a materialização da existência humana, compreendendo que as “relações sociais produzem os espaços e os espaços produzem as relações sociais”, num movimento alicerçando dois tipos de territórios: os materiais que é a relação de poder formada no espaço físico; e os imateriais que são formados no espaço social, através dos pensamentos, ideologias e outros fatores.

Nesse sentido, o autor vem destacar que:

Os territórios materiais e imateriais são indissociáveis, porque um não existe sem o outro e estão vinculados pela intencionalidade. A construção do território material é resultado de uma relação de poder que é sustentada pelo território imaterial como conhecimento, teoria e ou ideologia. (FERNANDES, 2013, p.8).

Compreendemos, nesse sentido, que o território está ligado ao que se é vivido, materializado e produzido nesse espaço como, por exemplo, o respeito pela coletividade, os momentos que expressam alegrias, tristezas, resistências e vários outros aspectos que estão ligados diretamente a parte emocional, as lutas que defendem e a memória.

Assim, a memória é um dos fatores fundamentais no que se refere ao território quilombola, porque as lutas pelos direitos são constantes e através da memória, a preservação das histórias do povo não é esquecida; fortalecendo, assim, cada vez mais a identidade étnica quilombola. É nesse sentido que Maracajá (2013) compreende que:

Essa memória nos permite interpretar a comunidade, pois é através dela que as conquistas políticas e culturais passam de geração a geração através da troca de conhecimentos entre os quais partilham tradições, modos de vida, costumes, ideais, entre outros aspectos que nos levam a pensar que é em virtude dessas trocas de saberes que esses grupos estão resistindo, através de lutas pela permanência e pela reprodução de seus valores étnicos em seus territórios. (MARACAJÁ, 2013, p. 134-135).

Como vemos, as comunidades quilombolas representam a cultura; e a memória é enraizada nesse território quilombola por meio desse espaço de vivências, histórias e narrativas, sejam elas registradas em vídeo, livro, áudio ou transmitidas oralmente, coletivamente, auxiliando na construção da identidade quilombola e de seus múltiplos espaços.

A memória, nesse contexto, torna-se muito significativa na reconstrução de processos históricos da comunidade viva entre as gerações daqueles(las) que são

continuadores de uma luta, de uma história e de uma cultura que foi deixada pelos seus antepassados, tornando-se uma forma de mediação entre o passado e o presente.

Nesse sentido, para a construção da territorialidade e da identidade, a memória se constitui como principal elemento, pois:

o território do qual falamos é revelador de memórias e nos lança num passado não muito distante de histórias ambíguas, com momentos de alegria e tristezas, narrativas que se misturam com fatos reais e outras vezes, míticos, relatos de resistência e desistência. (MARACAJÁ, 2013, p. 135).

Com isso, é perceptível que a memória individual faz parte da memória coletiva. São inseparáveis, porque é um meio de preservar a história e a cultura. Nesse processo, as memórias compartilhadas se mantêm vivas reunindo significados que despertam pensamentos que foram esquecidos e que são atualizados de acordo com a realidade, aprimorando os conhecimentos produzidos no contexto social pela comunidade.

Nesse sentido, reconhece-se os quilombolas como territórios importantes porque carregam consigo a memória de um povo, ressaltando também que junto com essa memória vem a identidade, envolvendo as culturas tradicionais de uma comunidade, englobando múltiplos saberes, a dança, a capoeira, a música dentre outros presentes no desenvolvimento e reconhecimento da identidade de cada um.

A construção da identidade é um fator relevante para a manutenção de uma comunidade Quilombola porque está ligada às raízes, às questões étnicas e culturais. É nesse sentido que Almeida e Santana explicam a cultura em relação a formação da identidade.

[...] a identidade não está exclusivamente pautada na herança biológica, ela é importante, mas não deve determinar, com exclusividade, as ações do sujeito. A cultura também tem seu valor no interior do grupo, ela ajuda a estabelecer os contatos, as relações e promove vínculos sociais[...] (ALMEIDA, SANTANA, 2012, p. 4).

Dessa maneira, a identidade se desenvolve por meio do convívio social e é impossível falar de identidade quilombola e não atrelá-la com o seu território, observando o relacionamento entre o espaço e a comunidade, respeitando sempre as diferentes identidades que se expressam de variadas formas, sejam através do pertencimento familiar, afetivo, material, históricos e outros.

Entende-se que o que solidifica o território é a identidade. Esses dois elementos: território e identidade estão interligados continuamente como uma forma de manutenção das tradições, compreendendo o contexto sócio-histórico-cultural em que é formado o

território na perspectiva do fortalecimento da identidade quilombola, reconhecida enquanto cultura dos modos de fazer e viver, (re)criando, e (re)transmitindo nas relações do convívio do indivíduo, enquanto coletivo, na e com a comunidade.

Nesse contexto, sabemos que o território quilombola faz parte da memória coletiva, não apenas da terra nem da história, mas na construção da identidade, segundo Luchiari e Isoldi (2007):

[...] passa também pela consideração de uma herança e pela preservação de um patrimônio sócio-histórico. A capacidade de recordar, preservar e perpetuar um passado faz parte de um sentimento identitário. Desse modo, a ocupação de lugares com o decorrer do tempo, permite o enraizamento e a criação do sentimento de pertencimento. (LUCIARI; ISOLDI, 2007, p. 167).

Conforme apontado, concordamos que exista uma relação da identidade quilombola com o pertencimento, porque as histórias contadas oralmente, ou por outro meio revela a relação com o território e com seus processos e, assim, o território deixa de ser apenas material, ou seja, "a terra" e passa a ser também simbólico, lembrando que alimenta a etnicidade existente dos antepassados através da memória.

A partir dessas ideias, vemos que as relações com a memória, a cultura e o sentimento de pertencimento com o território, por meio das experiências e vivências, fortalecem a identidade quilombola, mantendo a cultura, desenvolvendo as tradições e recriando-as no presente. Assim, vemos que a memória e a identidade são conceitos fundamentais para compreendermos os processos de uma comunidade quilombola.

Neste sentido, considera-se que os processos de (re) criação e de transmissão dos saberes, tradições, culturas de uma comunidade quilombola presentes no território, na identidade e na memória deveriam estar nas práticas educativas cotidianas, nas experiências e no modo de vida, envolvendo a construção do saber, por meio da subjetividade de cada sujeito, porque “os quilombolas tem espaço simbólico e subjetivo para transitarem entre uma identidade que remonta o passado, mas que também se projeta o futuro.” (FURTADO; PEDROZA; ALVES, 2014, p.113)

Desse modo, a construção do território se dá por meio do processo histórico-social referente aos saberes e as práticas educativas desenvolvidas no quilombo e efetivadas por elementos associados à educação, cultura, identidade e memória.

### **3 EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: PERSPECTIVA PARA UMA PRÁTICA EDUCATIVA ESCOLAR DIFERENCIADA E CONTEXTUALIZADA**

Iniciamos este capítulo procurando diferenciar Educação Quilombola de Educação Escolar Quilombola<sup>3</sup> (EEQ). Neste sentido, ressaltamos que a educação quilombola se dar na comunidade entre todos os membros da comunidade, onde são compartilhados os saberes e conhecimentos, através de brincadeiras, observações, conversas entre crianças e adultos. Deste modo, se liga as práticas do território, à ancestralidade, as memórias, as histórias e narrativas das lutas e das resistências, ao modo de vida, as tradições, é a vida e são as experiências vividas, sentidas que fomenta e constroem a identidade e o pertencimento quilombola.

A Educação Escolar Quilombola é a educação sob a competência do sistema de ensino, responsável pelo processo de escolarização de crianças, jovens e adultos em seus processos de formação escolar. Assim, a Educação Escolar Quilombola se resguarda por um marco legal que a torna direito da população quilombola, bem como da sistematização dos saberes da comunidade como saberes curriculares a serem trabalhados na escola, reconhecendo que a realidade do território faz parte também do processo educativo dos quilombolas.

Diante disso, no que se refere à educação vemos que muitas comunidades quilombolas não possuem escolas situadas em seu território e com isso muitas crianças, jovens e adultos têm que se deslocar de sua realidade histórica e cultural para outras escolas localizadas distantes da comunidade, com outras particularidades em seu contexto, sendo que os quilombolas também têm suas especificidades nos processos de ensino-aprendizagem e nas suas produções de conhecimentos (SILVA, 2020).

Nesse contexto, os quilombolas têm direito a uma educação que respeite a sua memória, a ancestralidade, a história, a cultura e as tradições de seu povo. Com isso, de acordo com as Diretrizes curriculares Nacionais:

A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico- -cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios

---

<sup>3</sup> É uma modalidade da educação básica conforme a resolução N°8, de 20 de novembro de 2012.

que orientam a Educação Básica brasileira. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, deve ser reconhecida e valorizada sua diversidade cultural. (2013, p. 87).

Diante disso, assegurar a garantia do direito a Educação Escolar Quilombola em todas as etapas da educação compreendendo que a cultura e outros elementos fazem parte da realidade histórica das comunidades quilombolas é muito significativo. Outro elemento importante é a participação da escola com a comunidade para a construção do projeto político pedagógico (PPP) da escola, ou seja, envolver o coletivo nesse processo faz com que não se perca a intenção de relacionar a identidade dos integrantes com a realidade.

A resolução N° 8, de 20 de Novembro de 2012, no título VII, aponta, de acordo com o Art. 32, que “O projeto político-pedagógico da Educação Escolar Quilombola deverá estar intrinsecamente relacionado com a realidade histórica, regional, política, sociocultural e econômica das comunidades quilombolas”. (BRASIL, 2013). Para isso, a participação de gestores, estudantes, docentes, representantes da comunidade e outros são importantes.

Ressalta-se que a Educação Escolar Quilombola é fruto de uma luta do movimento quilombola e representa uma política pública educacional necessária e imprescindível para se ter um processo de escolarização nas comunidades quilombolas, com escolas, professores e projetos que possam contribuir com a formação e o fortalecimento da identidade quilombola.

[...] a educação escolar quilombola representa uma política pública em construção, cujo objetivo maior é garantir o acesso, a permanência e o sucesso escolar aos estudantes quilombolas ofertando uma educação de qualidade, com história, cultura e os marcos ancestrais da comunidade quilombola. (NETO, SOARES. COQUEIRO, 2015, p.8).

Dessa forma, a Educação Escolar Quilombola busca introduzir os conhecimentos do cotidiano aos conhecimentos escolares associando sempre ao lugar do qual os alunos quilombolas estão inseridos, para que assim possam compreender mais sobre as suas histórias e vivências, passando a levá-las para as gerações futuras.

Nessa perspectiva, vemos também que muitas escolas não estão ainda preparadas para lidar com as reivindicações e demandas surgidas da luta do movimento quilombola para uma outra escola que atenda aos seus interesses de terem suas histórias como conteúdo escolar. Isso se torna um desafio para a escola manter um currículo

eurocêntrico<sup>4</sup> implementado pelo sistema de ensino e ao desenvolver uma pedagogia própria que fortaleça o respeito à diversidade cultural, aos saberes tradicionais e a história.

Diante disso, Soares (2016) traz uma contribuição muito significativa, quando aborda que:

A temática sobre educação Escolar Quilombola é absolutamente contemporânea no cenário nacional da política pública educacional. Trata-se de uma modalidade de educação fortemente vinculada a produção de uma nova cartografia da diversidade brasileira, cujo mapa mostra o reconhecimento étnico-cultural de um grupo étnico historicamente posicionado as margens, nas bordas, quando não completamente excluído. A Educação Escolar Quilombola configura uma política da diferença sem precedentes na história da educação brasileira. (SOARES, 2016, p.4).

Nesse sentido, a Educação Escolar quilombola, como conquista do movimento quilombola, é uma política pública em construção para que os saberes culturais e históricos sejam fortalecidos e valorizados no currículo escolar, já que existe marcas de desigualdades nos lugares em que os quilombolas vivem.

Outros dispositivos educacionais, além da Resolução N° 8, de 20 de Novembro de 2012, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, já citada, contribuem para o fortalecimento da Educação Escolar Quilombola como uma política pública educacional. Essas buscam garantir o direito dos quilombolas a terem nas escolas currículos que aproximem os educandos quilombolas às tradições e às memórias guardadas pelos mais velhos, e dessa forma, aproxime gerações, saberes e memórias guardadas, num processo de formação de pessoas críticas e situadas.

Nesse contexto, destacamos a aprovação da lei 10.639/03 e do parecer 003/2004, que instituem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações étnico-raciais e para a obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. A Lei 10.639/03, conforme parecer, “procura oferecer uma resposta, na área da educação, á demanda da população afro descendente, regulamentando políticas de ações afirmativas, políticas de reparações, e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura e identidade.” (SANTOS, 2020, p.05)

---

<sup>4</sup> Refere-se a uma perspectiva do conhecimento que permanece nas práticas curriculares que segundo Ferreira (2014) “podemos compreender como herança colonial presente nos currículos escolares... que sustentam a herança colonial da escola, isto é, os mesmos padrões que valorizam uma única forma de ser, de saber e de viver”.

A aprovação dessa lei é resultado de uma batalha travada pelas desigualdades raciais e sociais que o grupo de negros e brancos sofreu no Brasil e também pela trajetória de lutas ao longo da história, sendo essa lei um caminho para a desconstrução dessas práticas sociais discriminatórias e desiguais, para que os sujeitos saiam desses locais que os excluem e silenciam.

Sendo assim, deve-se buscar sempre pensar em ações de igualdade de oportunidades para a sociedade, levando em consideração que a escola é um espaço que possui uma dimensão étnico-racial e social e com diferentes modos de vidas.

Diante disso, é importante destacar que no Brasil existe uma diversidade de comunidades tradicionais que muitas vezes se tornam invisíveis para a sociedade e para o poder público. Para isso, o Decreto N.º 6.040/2007 surgiu para “institui a política nacional de desenvolvimento sustentável dos povos e comunidades tradicionais (abrangendo comunidades extrativistas, ribeirinhas, ciganos etc.), sustentada no tripé cultura/identidade/territorialidade.” (BRASIL, 2014, p.19)

Desse modo, essa política contribui para tirar grande parte da população da invisibilidade, e os povos quilombolas são um deles. Com essa ação, há o reconhecimento de que essas comunidades representam um papel fundamental pelos conhecimentos e práticas educativas que desenvolvem em seu território. Além disso, dá a esses povos o direito de ter sua própria identidade, reconhecendo cada um como pertencentes de um determinado grupo social.

Com isso, sabemos que é dever do estado implementar políticas públicas que garantam os direitos da Educação Escolar Quilombola, pois muitas vezes as escolas quilombolas atendem crianças, adolescentes, jovens, adultos e outros que residem na comunidade, mas não dialogam o currículo com a realidade local.

Nesse contexto, a construção de uma Educação Escolar Quilombola baseada na política de pertencimento étnico, cultural, social e político é de grande importância. E considerando a EEQ compreendemos que os professores e demais profissionais da Educação Escolar Quilombola deve voltar seu olhar para as práticas educativas da comunidade, considerando o conhecimento acumulado de cada sujeito, envolvendo a subjetividade e a participação de cada um, respeitando a cultura, a história da comunidade, sua forma de organização, os contextos de uso do território, a etnicidade, as manifestações religiosas e outros fatores presentes nas narrativas, dialogando com os conteúdos escolares, na perspectiva de uma prática educativa contextualizada e diferenciada.

#### 4 PROCEDER METODOLÓGICO

Pesquisa de abordagem qualitativa, pois busca explicar os fatores estudados através de dados produzidos por meio de indagações sobre aspectos da realidade. Segundo Richardson (2012, p.90), essa abordagem “pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar de produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos”.

Nessa perspectiva, se configura como exploratória porque busca aprofundar as relações entre os fenômenos estudados – Educação Escolar Quilombola e a valorização da memória e do fortalecimento da identidade quilombola. Esse tipo de pesquisa aproxima o pesquisador com o objeto investigado e “busca levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto”. (SEVERINO, 2007, p.123).

Quanto ao caminho utilizado fez uso da pesquisa de campo na tentativa de aproximação com a realidade, atendendo ao que Lage (2005) explica:

Se construir com os sujeitos da pesquisa novas contribuições teóricas com base numa realidade aprofundada – vivida e consentida pelos e com os grupos sociais da experiência – de forma a oferecer uma contribuição ao pensamento científico de novos saberes, novas reflexões e novas perguntas. (LAGE, 2005, p.87).

O campo da pesquisa foi a Escola Padre Anchieta, localizada na comunidade quilombola de Guaraciaba (antiga Cabileira), no município de Altinho/PE. “O nome da comunidade é Guaraciaba, mas é conhecida pelo seu nome de origem “Cabileira” e nesta localidade moram aproximadamente 500 pessoas, já incluindo os sítios vizinhos que pertencem a essa região”. (SANTOS, ALENCAR, 2017)

**Fotografia I** Frente da Escola Padre Anchieta



Fonte: acervo das autoras, Dezembro de 2019.

A escola foi fundada na gestão do prefeito José Felix Rodrigues, nos anos de 1959 a 1963, a pedido do morador Joaquim Ferreira Diniz. O nome dado, á época, à escola foi “Grupo Escolar Padre Anchieta”.

Atualmente, a Escola Padre Anchieta, tem em seu quadro técnico docente: quatro professores. Oferta a educação infantil e o ensino fundamental-anos iniciais do 1º ano ao 5º ano. Com relação à estrutura da escola, ela possui quatro salas de aula, sala de diretoria, sala de professores, cozinha, sala de secretaria, despensa, almoxarifado e banheiro adequado a alunos com deficiência.

No que se refere à comunidade de Guaraciaba (antiga cabileira), a mesma fica localizada na região brejeira da zona rural a 12 km de distância do município de Altinho, onde possui muitas riquezas naturais como: frutas, legumes e verduras que a maioria dos quilombolas levam para vender na feira de Altinho aos sábados e assim é de onde muitos ganham dinheiro para sustentar suas famílias.

Um primeiro momento de contato com a comunidade, conhecendo a realidade da educação escolar Quilombola da Escola Padre Anchieta, nos possibilitou atender aos objetivos propostos: 1. Conhecer as práticas educativas desenvolvidas pela escola; para em seguida identificar nessas práticas educativas as contribuições para a valorização da memória e do fortalecimento da identidade; e, 3. Investigar a participação da comunidade Quilombola na escola para a valorização da memória e do fortalecimento da identidade quilombola.

Assim, ao atendimento dos objetivos propostos, selecionou-se a entrevista semiestruturada como instrumento para levantamento dos dados; e a análise de conteúdo para o tratamento das informações das entrevistas. Para Bardin (2011), a Análise de Conteúdo compreende:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos as condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 2011, p.47).

A análise de conteúdo para Bardin (2011) se divide em três polos cronológicos que são eles: a pré-análise; a exploração do material e o tratamento dos resultados, a interferência e a interpretação.

A entrevista, segundo Minayo (2009, p. 64) é uma das estratégias mais utilizadas nas pesquisas de campo para a coleta de dados, pois “ela tem o objetivo

desconstruir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes com vistas a este objetivo.”

Participaram das entrevistas: a líder da comunidade e dois professores, que serão identificados como “Professor 1” e “Professor 2”.

Para a escolha dos professores a serem entrevistados, foi aplicado um questionário para saber o perfil docente de cada um. Esse perfil compreendia saber o nome, idade, curso de graduação, especialização, tempo de docência, tempo de docência quilombola, se tem contato com a comunidade, se é concursado ou contratado, se é quilombola e se reside na comunidade. É importante ressaltar também que dos quatro professores, apenas três deles responderam o questionário.

Após resposta do questionário pelos professores, foi analisado o perfil para que pudéssemos escolher dois professores para fazermos a entrevista. Para essa finalidade, usamos como critério: ser um professor(a) concursado(a) e quilombola e outro(a) ser professor(a) contratado(a) e não quilombola. A intenção era verificar se havia distinção nos processos de práticas docentes considerando essas duas especificidades, se professor concursado ou temporário, ser professor quilombola e não quilombola, que fazem parte da realidade das escolas quilombolas.

**Tabela do Perfil Docente**

| <b>Perfil Docente</b>                   |                                       |                                                |                      |             |
|-----------------------------------------|---------------------------------------|------------------------------------------------|----------------------|-------------|
| Seu nome?                               | Professor 1                           | Professor 2                                    | Professor 3          | Professor 4 |
| Sua idade?                              | 31                                    | 40                                             | 33                   | ?           |
| Curso de Graduação?                     | Pedagogia                             | PEDAGÓGICA                                     | Matemática           | ?           |
| Possui especialização?<br>Se sim, qual? | Sim.<br>Educação voltada para o campo | Sim,<br>Psicopedagogia Institucional e Clínica | Ensino da matemática | ?           |
| Quanto tempo está na docência?          | 6 anos                                | 16 Anos                                        | 10 anos              | ?           |
| Quanto tempo de docência                | 5 anos                                | 2 anos                                         | Não tenho            | ?           |

|                                    |            |            |            |   |
|------------------------------------|------------|------------|------------|---|
| Quilombola?                        |            |            |            |   |
| Você tem contato com a comunidade? | Sim        | Sim        | Talvez     | ? |
| Você é concursado ou contratado?   | Concursado | Contratada | Concursado | ? |
| Você é Quilombola?                 | Sim        | Não        | Não        | ? |
| Você reside na comunidade?         | Não        | Não        | Não        | ? |

Fonte: produzido pelas autoras, Setembro de 2020.

Dos quatro professores da escola, três responderam e um não respondeu e não justificou o motivo da não participação na pesquisa, dos três que responderam, tínhamos dois concursados e um com contrato temporário. Dos dois concursados, havia um professor que se identificou como quilombola, que será identificado como Professor 2. E o professor em situação de contrato temporário de Professor 1.

A entrevista foi realizada, em consequência do período de pandemia do Covid 19, pelo googlemeet. Fora marcado um horário com cada professor que se disponibilizou e concordou que gravássemos apenas o áudio, as entrevistas foram realizadas todas no mesmo dia e cada uma teve a duração de 40 minutos à 1 hora.

Utilizamos algumas questões que nortearam nossa entrevista: Quais ações são desenvolvidas pela escola para que a memória e a identidade quilombola sejam fortalecidas? Como ocorrem e quando? Como se dar a participação da comunidade nessas ações?

A entrevista com a líder da comunidade teve duração de 40 minutos e a mesma, autorizou que gravássemos apenas o áudio. Ela está a mais de 10 anos liderando a comunidade e é neta de uma das antigas rezadeiras da comunidade, da qual repassou para ela todos os seus saberes.

Diante disso, à questão norteadora da entrevista foi: vocês desenvolvem alguma atividade com a escola? Se sim, quais? Como ocorrem e quando? Se não, por quê?

Nossa análise se estruturou, na busca por responder a questão norteadora desta pesquisa: Quais as contribuições da Educação escolar Quilombola para a valorização da memória e do fortalecimento da identidade Quilombola?, em um único eixo temático articulador “Educação Escolar Quilombola, Memória e Identidade”. Este eixo traz dois subeixos temáticos: Práticas educativas para a valorização e o fortalecimento da memória e da identidade Quilombola; e Relação Comunidade e Escola, que passamos a trabalhar no Capítulo seguinte.

## 5 EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA, MEMÓRIA E IDENTIDADE

Neste Capítulo, procuramos construir nossas análises. Apresenta dentro do eixo articulador, que dar título a ele, duas categorias de análise: Práticas educativas e relação escola-comunidades.

### 5.1 Práticas educativas para a valorização e o fortalecimento da memória e da identidade Quilombola

No que se refere à valorização e o fortalecimento da memória e da identidade Quilombola, por meio de ações da Escola Padre Anchieta, em seu processo de educação escolar, verificamos, a partir das entrevistas com os docentes, que a mesma não tem projetos específicos para tal finalidade. Há algumas ações lideradas por um dos professores Quilombolas, o Professor 2, que promove um chamamento aos demais professores para trabalharem em conjunto. Essa observação é posta pelo Professor 1 em sua fala quando perguntado sobre o desenvolvimento de ações e contribuições da escola para a valorização da memória e do fortalecimento da identidade Quilombola.

Ano passado a gente teve um momento que o professor 2 realizou, pois como ele é de lá conhece muitas coisas, tivemos o prazer de realizar esse projeto com ele, mas não foi um projeto que teve ajuda da secretaria de educação, foi tudo pensado pelo professor 2, que para nós demais professores foi enriquecedor, pra gente conhecer mais a cultura, então assim existe sim essa falha, que era para ser bem trabalhado, ter capacitações, a gente realmente englobar nesse universo (Professor 1).

Nesse sentido, podemos observar na fala do Professor 1 que o mesmo não é da comunidade Quilombola, mas sente a necessidade de conhecer a cultura do povo para poder saber trabalhar na sala de aula com os alunos.

Identificamos que a escola Padre Anchieta não está cadastrada no Censo escolar como escola quilombola e que se guia em seu planejamento escolar pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para as escolas da educação básica e não pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar quilombola, como explicado no Capítulo anterior essa última Diretriz curricular frisa a importância de professores que atuam na Educação Escolar Quilombola terem uma formação e prática docente específica ao atendimento do fortalecimento da valorização e identidade quilombola.

Nesse sentido, para que a educação escolar aconteça é necessário que se tenha uma compreensão sobre a construção sociocultural dos sujeitos, que estão e são representados por seus hábitos, valores, costumes e cultura, pois:

Compreendendo que a educação é um processo amplo, inesgotável. Desenvolve-se articuladamente com a cultura. No que se refere à educação escolar quilombola, uma referência a ser considerada é a diversidade cultural dos povos que estão situados em quase todos os estados brasileiros. Esses povos possuem e estabelecem relações educativas, éticas, de respeito e trocas entre si e estão organizados nacionalmente. (SILVA, 2014, p.122).

Assim, para trabalhar a Educação Escolar Quilombola há de se levar em consideração todos os aspectos que ajudam a preservar a memória e a identidade para que sejam fortalecidas cada vez mais com as histórias, tradições, crenças e costumes existentes na comunidade.

Na fala do professor 2, que é quilombola, o mesmo destaca a importância de se trabalhar os componentes curriculares da educação básica: português, matemática, história, geografia, ciências e todas as outras relacionando às questões étnico-raciais de uma forma que as crianças se sintam estimuladas vendo sua cultura ser valorizada. Nesse sentido, aponta que:

Trabalhar questões quilombolas dentro da escola, não deve ser em momentos de comemoração, momentos folclóricos. Então minhas aulas são todas trabalhadas nesse viés, tentando discutir questões étnico-raciais, mas aí eu tento trazer os demais professores, aí eles acompanham nas datas folclóricas, por exemplo, ano passado mesmo eu elaborei um projeto de dois meses, onde a gestora aprovou e passamos para comunidade. (Professor 2).

Como o professor 2 destaca, sabemos o quanto é importante trabalhar relacionando os conteúdos escolares à cultura do povo quilombola, pois a escola quilombola ao acolher os saberes da comunidade, relacionando-os aos conteúdos das disciplinas mantém vivos os antepassados que fundaram a comunidade e que fizeram uma história, favorecendo o fortalecimento da cultura e o vínculo entre as pessoas e o lugar, território de vida, dentro da comunidade.

Com isso, “a Educação Escolar Quilombola passa necessariamente pela relação que essas comunidades têm com a terra, seu território material e imaterial.” (SILVA, 2014, p.125) Nesse processo educativo, as crianças vão fortalecendo sua identidade através de brincadeiras, experimentando, observando os mais velhos, pois como o professor 2 destaca:

Realizei um trabalho com os outros professores “o resgate da mazuca” onde cada turma ficou com uma coisa, uma com a ciranda, outra com a mazuca, a música, o espaço, a questão histórica e no fim do ano alguns alunos já começaram a cantar as músicas sem a ajuda. (Professor 2).

Nessa fala, o professor 2 destaca vários saberes da comunidade que o mesmo trouxe, como conteúdo, para fazer parte da Educação Escolar Quilombola, cujo processo de desenvolvimento e de socialização trouxe resultados positivos por favorecer um maior conhecimento sobre o processo histórico-cultural da comunidade ao mesmo tempo em que possibilitou também uma maior proximidade entre a comunidade e o espaço escolar quilombola.

Observamos também que as ações educativas escolares do professor 2 também se intensificou como processo de formação para os outros professores da escola, uma vez que se desenvolveu um processo de conhecimento sobre a educação escolar quilombola e o papel das práticas docentes e escolares para a formação da identidade e de conhecimento sobre o que é ser quilombola. Essa observação ocorre a partir do momento em que o professor 1 enfatiza em sua fala “que para nós demais professores foi enriquecedor, pra gente conhecer mais a cultura”. As ações planejadas, discutidas e desenvolvidas de forma coletiva, mesmo que partindo de um único professor(a), é de suma importância porque se compõe num processo de formação continuada no chão da escola e a partir das necessidades inerentes a função social das escolas.

Entretanto, outro elemento que prejudica o desenvolvimento de ações mais presentes em atendimento as diretrizes curriculares nacionais para Educação Escolar Quilombola é a ausência do sistema de ensino, considerando as secretarias de educação municipais que têm em sua competência a inserção de políticas educacionais no âmbito do próprio sistema e das escolas sob sua responsabilidade.

É importante destacar que em uma das falas, o docente faz uma autorreflexão em torno da ausência da secretaria de educação do município e das políticas públicas educacionais: formação de professores, currículo próprio e que apesar de tudo, o mesmo tenta fazer a diferença.

A escola não tem projeto, a secretaria de educação não tem projeto, o currículo de Pernambuco não nos dar suporte para nada, então assim, o que se tem lá é mais ações escolares minhas, que tomo a iniciativa para fazer alguma coisa nova pra comunidade e vê o que a comunidade nos dá de volta. É muito pouco o que faço, mas é a única forma que encontro. (Professor 2).

A fala desse professor é muito significativa, pois dentro da educação pode-se fortalecer sujeitos mais críticos e a Educação Escolar Quilombola promove a inclusão de assuntos relacionados aos saberes e valores tradicionais buscando preservar o pertencimento e a identidade quilombola no contexto escolar. Então, como esse

professor aborda em sua fala, apesar de não ser muita coisa que o mesmo faz, já ajuda a fazer a diferença para a vida dessas crianças mantendo viva a memória e a identidade.

Apesar de tudo isso que esse professor busca desenvolver e embora os demais professores participem em alguns momentos, o mesmo destaca a preocupação de não haver o devido reconhecimento do papel da Educação Escolar Quilombola. Ele diz da importância da Educação Escolar Quilombola se ter legislação própria, mas que não se materializa enquanto política pública educacional no fazer da escola a não ser por ações pontuais de algum docente.

Observamos isso, quando ele aborda em sua fala que:

O nosso maior problema talvez nem seja o projeto político pedagógico, mas sim professores que não entendem o que é vivenciar uma educação quilombola. Estamos num processo muito doloroso, pois eu faço de uma forma e na sequência vem um outro professor e desfaz, essa é a maior preocupação é que a gente tem a educação quilombola, mas não tem a educação escolar quilombola, ela não se faz presente. (Professor 2).

É forte a fala desse professor, pois podemos observar que ele destaca um dos seus maiores obstáculos, que é o desenvolvimento de práticas educativas escolares sobre questões que envolvem as relações étnico-raciais e de compartilhamento de saberes da comunidade quilombola, mas aí vem outro professor que não tem conhecimento algum e desconstrói o que foi ensinado.

Diante de tudo isso, as práticas educativas desenvolvidas na escola para a valorização da memória e o fortalecimento da identidade são de grande importância tendo como principal referência os valores culturais, históricos e sociais. Nesse aspecto, há a necessidade por parte da escola Padre Anchieta, da secretaria de educação e os demais poderes tomem uma iniciativa para ajudar aos professores a desenvolverem suas práticas de acordo com a realidade da comunidade, fazendo valer a educação específica conforme regimenta as normativas estudadas neste trabalho.

## 5.2 Relação Comunidade - Escola

A educação e a cultura são dois elementos que sempre têm que caminhar juntos, principalmente quando é em uma comunidade com muitos conhecimentos, crenças e costumes a serem repassados para as gerações mais novas. Diante disso, sabemos que a educação quilombola acontece no dia a dia, nas relações sociais e familiares. Por isso, para se ter uma boa educação escolar quilombola, a relação da comunidade com a escola e vice-versa é indispensável.

Nesse contexto, podemos observar que os professores devem buscar trazer a comunidade e os seus conhecimentos para sala de aula, fazendo com que os estudantes se aproximem de sua realidade. Na Escola Padre Anchieta da comunidade quilombola de Guaraciaba (antiga Cabileira), o professor 2 destaca que não consegue trabalhar sem o auxílio de alguém da comunidade, como o mesmo expressa em sua fala:

Eu não consigo trabalhar na escola essas questões da identidade, sem ter o suporte, para isso trago as pessoas mais velhas e nas brincadeiras da escola tem que trazer alguém de dentro da comunidade para participar, já a mazuca tenho que trazer duas pessoas, então tudo que penso tem que trazer alguém da comunidade, porque eu não consigo fazer sozinho mesmo conhecendo as coisas, até porque isso fortalece a relação escola-comunidade. (Professor 2).

Sendo assim, vemos que o professor 2 busca trazer elementos enriquecedores como: a mazuca, as brincadeiras, as histórias e outros fatores que contribuem para que as tradições culturais não se percam e que a identidade seja preservada, pois, conforme Brandão (2006), os sinais, símbolos e significados é um produto do homem sobre si mesmo, ou seja, a cultura.

Com relação aos horários das atividades realizadas é outro ponto importante, não tem hora específica, como um dos professores mesmo falou “Com relação a horário, eu não consigo marcar horário, pois não é a escola que diz o horário, e sim a comunidade, por exemplo, se a pessoa diz que só pode ir à minha sala as 08:00 horas, então esse seria o horário.” (Professor 2)

Como vemos, o importante para o professor é que a comunidade participe das ações pedagógicas da escola. Essa ação faz com que os alunos reflitam os saberes e vão recontextualizando-os através dos valores, raízes históricas e vivências culturais Quilombolas.

Para a presidente da Associação-líder da comunidade, repassar essas tradições são importantes para manter viva as origens.

A gente está desenvolvendo a aula de dança da mazuca mirim com o (professor2), a gente está desenvolvendo pra não deixar acabar com a origem e a mazuca dos adultos é realizada lá em casa que tem todo final de semana. (Líder da Comunidade).

Observa-se tanto na fala do professor, como na da líder da comunidade que a escola e a comunidade dialogam, mostrando não apenas para as crianças, mas para os adultos também, o quanto essas tradições culturais, a ancestralidade e a oralidade de seu povo são importantes e que não devem ser esquecidas.

O contato das crianças e adolescentes com as africanidades presentes na cultura quilombola e com valores civilizatórios outros, através de um currículo pluriétnico, vai contemplar demandas, memórias, histórias tomando o conhecimento mais sensível e mais significativo a todos. (HAERTER, NUNES, CUNHA, 2013, p.276).

Observamos a partir dessas falas como é importante que se trabalhe de acordo com as diretrizes curriculares nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Entretanto, podemos considerar que na Escola Padre Anchieta, nosso campo de pesquisa, ainda não há um trabalho que parta da escola para o desenvolvimento de práticas educativas escolares nessa perspectiva. Há ainda professores que afirmam que não terem suporte da secretaria de educação, nem do currículo, como vemos na fala abaixo:

Ano passado fizemos um projeto envolvendo as danças, mostrando a cultura e no final desse projeto as mães se envolveram, então assim tinha que ser voltado para escola, mas infelizmente não acontece, trabalhamos a base curricular normal, não tem uma parceria com a secretaria. (Professor 1).

Dessa forma, podemos inferir que a comunidade interage apenas com um dos professores, quando é convidada, pois como posto nas falas, nem todos os professores trabalham relacionando a cultura da comunidade, muitos não têm conhecimento e não tem uma formação e acabam trabalhando apenas em algumas datas comemorativas.

A relação dos professores com a realidade sociocultural da comunidade quilombola é fundamental e mesmo que muitos não desenvolvam suas práticas educativas voltadas para esse contexto, reconhecem sua importância, sendo que falta adequar o currículo com as Diretrizes Curriculares Nacionais da educação escolar Quilombola.

Considera-se a educação escolar Quilombola necessária para o povo quilombola, para que contribua na melhoria do ensino dessas crianças e jovens quilombolas, garantindo a permanência em seu território. Em relação a isso, o professor 1 aborda que:

O que falta é incentivo, pois a escola tem estrutura para atender até o nono ano, mas sai dois ônibus com crianças e adolescentes para estudar na cidade do sexto ao nono ano e muitos, assim como eu, mesmo morando em Altinho não sabe que cabeleira é uma comunidade quilombola. (Professor 1).

O professor1 expressa em sua fala a dificuldade de muitas pessoas do município de Altinho não conhecerem a comunidade de Guaraciaba (antiga cabeleira) como Quilombola. Trazemos duas observações a essa fala, a primeira a ausência de informações sobre a comunidade quilombola que se situa no município, há uma

população e uma comunidade invisível aos olhos da população de Altinho. A segunda, a ausência de políticas públicas que favoreçam a permanência de estudantes na escola da comunidade e com isso muitas crianças e jovens saem da comunidade.

Há outras ausências que se somam as acima citadas, uma formação de professores, uma infraestrutura e um currículo próprio. Esses são alguns dos desafios encontrados. A lei nº 10.639/03, por exemplo, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira, em muitas escolas ainda não é posta em prática por meio do currículo e práticas escolares. Por isso, é preocupante alunos de comunidades Quilombolas que saem de suas comunidades para estudar na cidade, onde os professores não vão trabalhar a realidade e a cultura dos Quilombolas e nem questões que envolvem suas identidades étnicas.

A partir desse contexto, percebemos o quanto é significativo ter professores Quilombolas atuantes na escola. Para a líder da comunidade “Se os professores são de dentro da localidade tem como ensinar as origens, né. Mas toda vez vem de fora. Se Deus quiser no próximo ano a gente vai ver o que pode fazer”. (Líder da comunidade)

Como vemos, a líder destaca essa necessidade de ter professores capacitados que conheçam as histórias de seu povo para que as memórias sejam preservadas e fortalecidas, pois vemos que a formação de professores que atuam na comunidade não acontece na realidade. Nesse sentido, entendemos que

Isso implica a necessidade de uma formação inicial e continuada aos docentes que lhe possibilitem construir-se enquanto sujeito capaz de refletir sobre sua prática, de modo que, nela e a partir dela, possa também elaborar conhecimentos. (COSTA, 2016, p.8).

A partir da fala da líder da associação da comunidade e a dos professores, consideramos que na comunidade quilombola de Guaraciaba existem alguns desafios para que se estabeleça uma relação da escola com a comunidade, pois a comunidade só se relaciona apenas com um professor da escola, justamente por ele ser quilombola e conhecer a cultura da comunidade. Pelo perfil apontado nas respostas do questionário, verificamos que os demais professores também não tem uma formação para trabalhar na perspectiva de atendimento a função e objetivos propostos numa escola quilombola, como situado em uma das falas da líder da comunidade, em consequência, segundo a mesma, os demais professores e escola só trabalham em conjunto questões envolvendo a comunidade em datas comemorativas.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando a pergunta inicial da nossa pesquisa: Quais as contribuições da Educação Escolar Quilombola para a valorização da memória e o fortalecimento da identidade quilombola? Temos a dizer que:

As práticas educativas são lideradas por um professor que é quilombola e que esse, numa ação pedagógica que compreende o papel da Educação Escolar Quilombola, procura desenvolver sua prática docente numa tentativa de relação com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Nesse sentido, procura trabalhar com a comunidade quilombola, atraindo-a para a escola e ao mesmo tempo conquistar seus colegas e demais professores, a realizarem ações em conjunto com ele. Dentre essas ações, estão: a contação de histórias, o resgate da mazuca, da ciranda, do espaço, a musicalidade e outros, para que a memória e a identidade sejam valorizadas e cada vez mais fortalecidas.

Através dessas práticas educativas é ressaltada a importância da cultura, da territorialidade, da historicidade, das lutas e das tradições que contribuem para que a memória e a identidade não sejam esquecidas, embora não seja uma ação que permeia o currículo e projeto político pedagógico da escola.

Embora, a participação da comunidade aconteça frequentemente, pois todas as ações que são realizadas na escola necessitam do suporte de alguém da comunidade para contação de histórias, por exemplo, essa é em consequência do convite do professor 2, como se observa nas falas.

Ao longo do caminho percorrido da nossa pesquisa, vemos que não se tem totalmente uma Educação Escolar Quilombola, pois apenas um dos professores faz a sistematização dos saberes da comunidade com os saberes curriculares. Apenas em datas comemorativas é que os demais professores se organizam, como escola, para desenvolver se alguma ação relacionando a cultura, a história ou a uma outra temática correlata, como o Dia da Consciência Negra, por exemplo.

Salientamos também que observamos durante as entrevistas a existência de preocupação por parte de alguns dos professores, em saber mais sobre a comunidade para poder desenvolver suas práticas educativas dentro da sala de aula, relacionando aos aspectos socioculturais da comunidade, para valorização da memória e o fortalecimento da identidade quilombola.

Consideramos que a escola realiza ações voltadas para a valorização da memória e o fortalecimento da identidade em função da ação consciente de um único professor (Professor 2), que se reconhece e se identifica quilombola, e é concursado. Entretanto, não há ações planejadas pela escola para tal finalidade e quando outros professores participam e as realiza é sempre liderada pelo professor 2.

Nesse sentido, compreendemos que há a necessidade de continuarmos ampliando as discussões e debates acerca da efetivação de práticas de professores que vem fortalecendo e mudando os espaços escolares para uma educação que atenda de fato seu papel social: o da formação para a cidadania.

## REFERENCIAS

ALMEIDA, Cristóvão; SANTANA, Aline Cristine. **Identidade quilombola e reconhecimento étnico: uma abordagem conceitual dos estudos culturais em comunicação**. Chapecó – SC, 2012.

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, Outras pedagogias**. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ARRUTI, José Mauricio. **Quilombos**. In: Raça: Perspectivas Antropológicas. [org. Osmundo Pinho]. ABA / Ed. Unicamp / EDUFBA, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edição 70, São Paulo, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo; Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros passos)

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica: diversidade e inclusão**. ISBN 978-85-7994-080-4. Brasília. 2013

BRASIL. **Resolução N°8 Novembro de 2012**. Brasília, MEC. 2012.

BRASIL. **Territórios de povos e comunidades tradicionais e as unidades de conservação e proteção integral: alternativas para o asseguramento de direitos socioambientais**. 6. Câmara de coordenação e revisão; coordenação Maria Luísa Grabner; redação Eliane Simões, Débora stucchi. Brasília, 2014.

CARRIL, Lourdes de Fatima Bezerra. **Os desafios da educação quilombola no Brasil: o território como contexto e texto**. Revista brasileira de Educação, v. 22, n. 69, abr.-jun. 2017.

CLAVAL, Paul. *A geografia cultural*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

COSTA, Candida Soares. **Educação Escolar Quilombola e Formação docente**. Revista REAMEC, n.05, volume 1, ISSN: 2318-6674, Cuiabá-MT, 2016. Disponível em: <http://revistareamec.wix.com/revistareamec> Acesso em: 07 Set. 2020.

DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecilia de Souza (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Ed.28, Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

Fernandes, Bernado Mançano. **Entrando nos Territórios do Território**. Editora: Universidade Estadual Paulista. 2013.

FILHO, Tarcísio Henriques. **Quilombola: A legislação e o processo de construção de identidade de um grupo social negro**. Brasília a. 48 n. 192 out/dez. 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Editora paz e terra LTDA, Av. Rio branco, 156 – 12.º andar, Rio de Janeiro, 1967.

FURTADO, Marcella Brasil; PEDROZA, Regina Lucia Sucupira; ALVES, Cândida Beatriz. **Cultura, Identidade e subjetividade Quilombola; uma leitura a a partir da Psicologia Cultural**. 2014.

GALDINO, Cárliston. **Cordel Quilombola**, 2011. Disponível em: <http://www.carlistongaldino.com.br/> Acesso em: 07 Set. 2020.

GONÇALVES, Dinalva Pereira; GONÇALVES, Pêdra Paula Pereira. **História e Memória de quilombo: raízes, relatos da comunidade ramal de Quindiuá em Bequimão/MA**. Revista da ABPN. V.9, Ed. Especial – Caderno Temático: saberes Tradicionais, p. 199-223, 2017.

HAERTER, Leandro; NUNES, Georgina Helena Lima; CUNHA, Deise Teresinha Radmann. **Refletindo acerca da contribuição da cultura quilombola aos currículos da educação básica Brasileira, através da presença da história da África e Afrobrasileira**. São Leopoldo, v.18, n.3, ed. Esp. P.267-278, dez. 2013.

INCRA- Instituto nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Regularização de Território Quilombola**. Atualizado em 13/04/2017.

LEITE, Ilka Boaventura. **Quilombos e Quilombolas: Cidadania ou folclorização**. Porto Alegre, ano 5, n. 10, p. 123-149, maio 1999.

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes; ISOLDI, Isabel Araujo. **Identidade Territorial Quilombola- uma Abordagem Geográfica a partir da Comunidade Caçandoca (UBATUBA/SP)**. Terra livre, Presidente Prudente; Ano 23, v.2, n.29, p.163-180, Ago-Dez. 2007.

MARACAJÁ, Maria Salomé Lopes. **Território e memória: a construção da territorialidade étnica da comunidade quilombola Grilo**. João Pessoa, 2013.

MAROUN, Kalya. **A construção de uma identidade quilombola a partir da prática corporal/cultural do jongo**. Porto Alegre. V. 20, n. 01, p. 13-31, jan/mar de 2014.

NETO, Clemilda Santiago; SOARES, Edimara; COQUEIRO, Edna. **Do quilombo à escola: ancestralidade e práticas pedagógicas**. 2015. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/formacao\\_acao/2semestre\\_2015/anexo\\_do\\_quilombo\\_copene\\_educacao\\_escolar\\_quilombola.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/formacao_acao/2semestre_2015/anexo_do_quilombo_copene_educacao_escolar_quilombola.pdf) Acesso em: 08 Set. 2020.

OLIVEIRA, Fernando Bueno. **Quilombos Brasileiros: Resistência, Repressão e Consolidação**. 2014. Disponível em: [http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20\(286\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20(286).pdf) Acesso em: 10 Set. 2020.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p.200-212. Disponível em: [www.pggedf.ufpr.br](http://www.pggedf.ufpr.br)

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo, 2012.

SANTOS, Adilza Alves; ALENCAR, Maria Fernanda Santos. **Comunidade Quilombola de Guaraciaba: uma história em construção por meio da educação popular.** In: Anais do I Seminário Discente do Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea – UFPE/CAA. 2017.

SANTOS, Adilza Alves; ROCHA, Almir João; ALENCAR, Maria Fernanda dos Santos. **Narrativas de Histórias de vida não contadas: Marcas de identidade Quilombola-Comunidade de Guaraciaba.** In: Anais do X Colóquio Internacional Paulo Freire: Opressão e libertação na atualidade. 2018.

SANTOS, Jocéli Domanski Gomes. **A LEI 10.639/03 e a importância de sua implementação na Educação básica.** Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1409-8.pdf> Acesso em: 07 Set. 2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** Ed.23. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Delma Josefa. **A Emergência da educação escolar quilombola no contexto das relações étnico-raciais no Brasil.** Tópicos Educacionais, Recife, v.20, n.1, jan/jun. 2014.

SILVA, Giselda Shirley; SILVA, Vandeir José. **Quilombos Brasileiros: alguns aspectos da trajetória do Negro no Brasil.** Revista Mosaico, v.7, n.2, p.191-200, jul./dez. 2014.

SILVA, Simone Rezende. **Quilombos no Brasil: A memória como forma de reinvenção da identidade e territorialidade Negra.** São Paulo. 2012. Disponível em :[www.ub.edu/actas/08-S-Rezende](http://www.ub.edu/actas/08-S-Rezende) Acesso em: 07 Set. 2020.

SILVA, Maria Girlene Callado da Silva. **Trajetória Escolar dos/as Estudantes do Campo para o Ensino Médio: desafios para a garantia de permanência na educação do e no campo e o reconhecimento de suas identidades.** Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea (PPGeduc). Caruaru:UFPE,2020 (Dissertação)

SOARES, Edimara Gonçalves. **Educação Escolar quilombola: Reafirmação de uma política afirmativa.** Curitiba/ Paraná. 2016. Disponível em: [http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/eixo16\\_EDIMARA-GON%C3%87ALVES-SOARES.pdf](http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/eixo16_EDIMARA-GON%C3%87ALVES-SOARES.pdf) Acesso em: 10 Out. 2020.